

DOI: 10.46943/IV.CONBRALE.2022.01.048

O SENDERO LUMINOSO EM QUADRINHOS: HISTÓRIA DE UMA GUERRA SUJA

THIAGO VASCONCELLOS MODENESI¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a obra *Sendero Luminoso: história de uma Guerra Suja*, de Alfredo Villar, Jesús Cossio e Luis Rossel, publicada em 2016 no Brasil, pela editora Veneta, comparativamente ao estudo de Carlos Iván Degregori e apresentando algumas informações obtidas no Relatório da Comissão da Verdade e Reconciliação. O livro *El surgimiento de Sendero Luminoso* constitui um trecho de sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Utrecht. Em ambas as obras é possível verificar o caminho percorrido pelo Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso. O objetivo é perceber aproximações e distanciamentos relatados nas três fontes históricas, tendo em vista a primeira ser uma história em quadrinhos para adultos, a segunda, um livro que procurou responder à pergunta: Como surgiu o Sendero Luminoso? E a terceira, um relatório extenso sobre o período político de 1980 a 2000. O resultado é a confluência de informações acerca da posição de *outsiders* escolhida pelos membros desse partido, frente ao exercício de poder realizado pelos estabelecidos do Estado peruano. Tendo por norteamo teórico o pensamento de Norbert Elias (1980, 1994, 1997, 2000), o artigo apresenta a violência como mecanismo de afirmação ideológica de estabelecidos e *outsiders* a partir do exemplo das Forças Armadas do Peru e do Sendero Luminoso.

Palavras-chave: Comissão da Verdade e Reconciliação, Histórias em quadrinhos, Peru, Política, Sendero Luminoso.

1 Licenciado em História pela UFPE, Pedagogo pela Faculdade Única/MG, doutor em Educação pela UFPE, thiagomodenesi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Partido Comunista do Peru (PCP) foi criado sob esse nome em 1930 e era ligado à III Internacional Comunista, considerando a importância da frente única e da incorporação da participação feminina no movimento comunista. Com a revolução na China e ascensão do maoísmo, o PCP se dividiu, formando várias frações. No final de 1969 e início de 1970, o núcleo denominado Bandeira Vermelha se dividiu, criando o PCP Sendero Luminoso (PCP-SL). A organização e ação do partido comunista em vários lugares do mundo e o início da chamada Guerra Fria fez com que vários países iniciassem uma ofensiva interna à ideologia comunista. A memória de governos militares de exceção que interromperam a democracia de suas nações, em particular nos anos 60 do século XX, é algo presente em vários países latino-americanos.

Em 1968 o governo peruano sofreu um golpe militar e iniciou uma série de medidas modernizantes, dentre elas a criação de instituições burocráticas em várias regiões do país (DEGREGORI, 2016). Segundo Rogério de Campos (2016, p. 5), no prefácio da história em quadrinhos Sendero Luminoso, o governo que tinha assumido os rumos do Peru no ano de 1968 baixou um decreto em 1969 que determinava para os estudantes reprovados a obrigatoriedade de pagar pelos seus estudos caso fosse reprovado em qualquer uma das matérias. A medida foi acompanhada de protestos por todo o país, reprimidos pelo governo, principalmente em Ayacucho, região de perfil empobrecido em que se localiza a Universidade Nacional de San Cristóbal de Huamanga (UNSCH)², instituto importante para a história do ensino superior no Peru.

Ela havia se transformado em um centro de excelência desde os anos 60 e referência nas discussões acerca dos problemas sociais peruanos. Campos (2016, p. 6), editor da Veneta Editorial completa no prefácio da obra: “Ou seja, na definição das Forças Armadas, do clero e da direita em geral, um ‘foco de subversão’”. De acordo com Rossi (1987), o período militar no Peru iniciou em 1968 e findou em 1980 com duas fases distintas. Na primeira, houve a extinção de partidos, parlamentos e eleições, apesar da manutenção das organizações sindicais. Na segunda, a aplicação de uma política conservadora.

Justamente devido ao componente político, o governo vinha tentando tomar o controle político da universidade anos antes, mas tinha

2 Essa universidade é considerada a segunda do país, fundada em 1677 no núcleo histórico de Ayacucho.

fracassado devido os professores, estudantes e comunidade terem se manifestado em defesa da universidade. Campos (2016) acredita que isso pode ter influenciado no sentido que os estudantes secundaristas de Ayacucho e região acabassem por radicalizar no processo de luta contra o Decreto 006-69/EP, de 1969. Nele, era obrigatório o pagamento de S/ (soles) 100 mensais, equivalente a US\$ 2,30; correspondia em muitos lugares do Peru a 20 dias de trabalho para os camponeses, maioria da população laboral à época. Isso levou à criação da Frente Única dos Estudantes Secundaristas de Ayacucho, que desde o surgimento foi reprimida com violência pela polícia. Tal agressão tinha apoio e ressonância na sociedade: “Os secundaristas tinham contra eles a grande imprensa, a direção do Partido Comunista, as Forças Armadas, os grandes proprietários de terra e a Igreja Católica, que chega a autorizar o Exército a colocar metralhadoras nas torres das igrejas” (CAMPOS, 2016, p. 6). É importante ressaltar, nesse caso, que se tratava do Partido Comunista Peruano de viés soviético, cujo semanário *Unidad* era a única revista de esquerda que se editava com regularidade (DEGREGORI, 2016). Conforme Degregori (2016, p. 46): “[...] ser joven y estudiante era ser parte de un fermento que iba a transformar el rostro de la región y del país”, a população estudantil jovem corresponde em muitos lugares à vanguarda de movimentos políticos.

O Decreto Supremo 006-69/EP foi aprovado em 4 de março de 1969, no contexto de início de ano letivo. No Peru, o ano letivo se iniciava em 1 de abril e findava em meados de dezembro. Quem reprovava até 3 matérias poderia fazer cursos de férias para recuperação em janeiro, ou seja, o decreto passou a vigorar em um interstício escolar, retroagindo a pagar quando ainda a lei não existia. Movimentos ainda em março surgiram por todo o país: Ayacucho (17 de março); Arequipa (19 de março); Cuzco (DEGREGORI, 2016).

Esses fatos, ao fim da década de 60, iniciaram movimentos que geraram conflitos no país até os anos 1980 e 1990. Apoiado na indignação dos moradores de Ayacucho, Abimael Guzmán, professor de filosofia da UNSCH teve nesse público o suporte para organizar um partido na década de 70. Ele fortaleceu as bases entre os camponeses e tornou-se a organização conhecida como Sendero Luminoso (doravante denominado SL). A educação como canal de mobilidade social nos Andes peruanos servia como instrumento de transformação ou frustração potencialmente explosivo. Degregori (2016) defende que o SL foi fruto de uma elite intelectual provinciana e mestiça na UNSCH com uma juventude universitária igualmente provinciana e mestiça.

Neste artigo, analisamos comparativamente as histórias presentes na HQ *Sendero Luminoso: história de uma guerra suja*, dos autores Alfredo Villar, Jesús Cossio e Luis Rossel (2016), com o livro *El surgimento de Sendero Luminoso*, de Carlos Iván Degregori (2016). Para melhor fonte de ratificação com as histórias apresentadas na HQ e no livro, temos o relatório final da Comissão da Verdade e Reconciliação, publicado em 2003, como ferramenta auxiliar. Ela foi o resultado de uma vasta pesquisa, e assinado por Dr. Salomón Lerner Febres (presidente), Dra. Beatriz Alva Hart, Dr. Rolando Ames Cobián, Mons. José Antúnez de Mayolo Larragán, Tnte. Gral. FAP (r) Luis Arias Graziani (que subscreve com reservas), Dr. Enrique Bernalles Ballesteros, Lic. Carlos Iván Degregori Caso, Mons. Luis Bambarén Gastelumendi (observador), Ing. Alberto Morote Sánchez, Ing. Carlos Tapia García, Sra. Sofía Macher Batanero, Pastor Humberto Lay Sun, Rvdo. Padre Gastón Garatea Yori. Dividi-se em 9 tomos ou cinco fascículos e constitui documento importante para a memória da história recente do Peru.

O referencial teórico tem por base os conceitos de Norbert Elias (1980, 1994, 1997, 2000) tanto no que diz respeito às origens de um *habitus* violento, quanto sobre estabelecidos e *outsiders* em uma determinada configuração. A relação de violência entre senderistas e militares permanece, com enfrentamentos registrados ainda nas primeiras décadas do século XXI³, sendo os integrantes do SL considerados terroristas e, portanto, *outsiders* na sociedade peruana. Dessa forma, a história em quadrinhos comporta uma realidade histórica vivida no Peru nos dias de hoje, com reflexos na política interna, mas também no panorama internacional.

O conceito de configuração desenvolvido por Elias (1980, 1994) faz crítica à dicotomia existente entre indivíduo e sociedade. Para o autor, a ideia de pensar que a sociedade é constituída por estruturas que são exteriores – os indivíduos – e que estes são simultaneamente rodeados pela sociedade mostra-se incompleta, “o conceito de configuração serve, portanto de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicas e diferentes” (ELIAS, 1980, p. 141). Essa relação no Peru é percebida na ligação feita dos membros de ambos os

3 Há um registro de confronto entre as forças armadas do Peru contra o Sendero Luminoso, denominado terrorista pela imprensa, em setembro de 2015, com feridos e mortos. Cf. <https://canaln.pe/actualidad/al-menos-cuatro-militares-heridos-dejo-enfrentamiento-senderistas-vraem-n196390>. Acesso em 4 abr. 2021.

lados com as configurações às quais pertencem no tecido social peruano. O conflito entre senderistas e militares ultrapassou governos e persistem, sendo importante na compreensão histórica recente da sociedade peruana.

Ao todo o conflito entre os dois atores da violência peruana se estendeu de 1980 até 1999. Tal corte temporal foi analisado pela Comissão da Verdade e Reconciliação desse país que apresentou um informe final sobre o episódio em agosto de 2003, tendo por um dos coordenadores gerais Carlos Iván Degregori, autor de uma das obras comparadas neste artigo. O relatório faz menção a mais de 4000 cemitérios clandestinos e valas comuns espalhados pelo país; traz ainda o fato de líderes do SL, dentre eles Abimael Guzmán, presos e assassinados, não tendo os militares que praticaram crimes o mesmo rigor e punição. O informe da comissão se tornou polêmico porque foi de encontro ao número já acomodado e aceito pela população peruana, por volta de 25 mil vítimas fatais. A comissão veio a divulgar uma estimativa de 70 mil vítimas fatais, a grande maioria tinha como língua materna o idioma quéchua. O Peru mantém dois idiomas até hoje, falam espanhol do colonizador e o quéchua, principalmente nas províncias ao sul do país, o que indica um extermínio em grande medida de populações indígenas. A culpa da violência recai sobre o SL e militares, no que pese o primeiro figurar em menor número de pessoas e munição em relação ao segundo.

Essa disputa do peso da responsabilidade de cada um dos dois atores que atuaram na ditadura, SL e militares, evoluiu numa batalha que se estende até hoje pela responsabilidade real pelos fatos ocorridos. Trata-se de uma disputa pela memória nacional, travada nos mais diversos fronts da cultura e do estudo da história do Peru. Para alguns, o fato de o relatório considerar as ações do grupo no mesmo nível dos militares fez afirmar que a Comissão teria sido composta por pró-terroristas. A miríade variada de obras de arte sobre o tema procura focar nos *outsiders* peruanos, os mais pobres, degredados, *quechuahablantes*, moradores das áreas rurais. Aqueles que poderiam ser esquecidos, alijados da história devido à sua relativa importância por não serem parte da configuração que dominava o poder, formada pelos estabelecidos peruanos.

Os autores contribuem com sua história em quadrinhos ao mostrar em cenas cruas e fortes as contradições e agruras dos mais alijados do sistema, dos invisíveis daquele momento histórico, arrastados para o meio da barbárie que se arrasta até o século XXI. O material da história em quadrinhos luta para que os fatos sejam lembrados em sua plenitude, sendo

aqui comparados com os estudos de Degregori para ampliação e melhor entendimento na análise da fonte.

METODOLOGIA

Para analisar o episódio da ditadura peruana e as consequências da violência praticada por senderistas e militares do país resolvemos nos apoiar nos conceitos eliasianos de estabelecidos e *outsiders*, atuando em uma determinada comunidade ou configuração. Norbert Elias (2000, p. 19) estudou e debateu a questão dos estabelecidos de um determinado local ou nação e seu confronto e opressão com os *outsiders*, toda a pressão e dominação somada à submissão e exclusão por partes que compõem um mesmo todo sendo executada nos mais variados grupos humanos. Nessa pesquisa, o autor partiu dos estudos da comunidade de Winston Parva e concluiu que os grupos mais antigos da comunidade se consideravam superiores aos recém-chegados, ou seja, os mais poderosos se viam como “pessoas melhores”.

Essa visão das comunidades e suas disputas se reflete bem no caso peruano, onde *quechuahablantes* e populações rurais se encontravam na borda do poder nacional, numa configuração em que a aristocracia do século XX estava representada pelo aspecto urbano e as elites que habitavam as cidades. Os excluídos do Peru não eram empecilho para a dizimação terrorista, seja do governo ou dos senderistas, e se morressem junto com os chamados *terrucos*⁴ não havia problema algum, eram inferiores, estavam fora do padrão considerado superior naquela figuração eliasiana. Os senderistas, nesse caso, aproximam-se do conceito de *outsider*, assim como os mestiços e indígenas da sociedade peruana recrutados ao partido SL.

Já afirmamos que a estigmatização dos *outsiders* exhibe alguns traços comuns em uma vasta gama de configurações de estabelecidos-*outsiders*. A anêmia talvez seja a censura mais frequente a lhes ser feita; repetidamente, constata-se que *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros (ELIAS, 2000, p. 27).

4 Denominação pejorativa dada aos terroristas peruanos.

Nesse sentido, as categorias tratadas por Elias encontram sentido no artigo apresentado. O jornal *Paladín* assim classificou as ações em Ayacucho de 1969:

um complô subversivo dirigido pelos pequenos Máximo Cárdenas [Presidente da Frente de Defesa de Ayacucho], Abimael Guzmán Reynoso [e outros] [...] infiltrados nos centros educativos e instituições locais para impulsionar desmandos que só trazem sofrimento à população de Ayacucho (DEGREGORI, 2016, p. 66-67).

Indignos de confiança eram os *outsiders*, os mais pobres, humildes e de regiões periféricas peruanas eram tidos como dispensáveis ou mesmo irrelevantes no processo de eliminação dos desordeiros, como eram considerados os senderistas, podendo ser mortos no processo sem dó nem piedade para garantir o objetivo principal dos representantes da ordem estabelecida. O movimento pela gratuidade no ensino público, como reação ao Decreto Supremo 006-69/EP, contou com os grupos pobres e mestiços de todo país.

Apesar de ter sido revogado em 24 de junho de 1969, a reação a ele teve a participação de vários grupos, desde pais de família até professores universitários, sendo violentamente reprimida pelo governo ao longo dos quatro meses de vigência do decreto. Em Arequipa, segunda maior cidade, mais de 100 pais invadiram o pátio da prefeitura exigindo o fim do decreto, ocorrendo o mesmo em Lima, com ocupação das maiores escolas da capital. A resposta do governo foi enviar a polícia para desalojá-los, além da ação do procurador geral contra os pais, alegando oposição ao cumprimento da lei, desacato, rebeldia e falsificação de documentos (DEGREGORI, 2016). Em Huanta, estudantes em greve e campesinos se unem, formando a Frente Única de Estudantes e Campesinos de Huanta (FUECH), com apoio de pais da região. A presença da polícia, os confrontos e, conseqüentemente, a violência são comuns. Em Ayacucho, os policiais perseguem os estudantes, encurralando-os no mercado de Abastos e reprimindo-os violentamente, aumentando a indignação popular (DEGREGORI, 2016).

Em 21 de junho de 1969 são presos 3 dirigentes, todos camponeses, em Huanta. Em Ayacucho, 35, dentre eles professores e estudantes, Abimael Guzmán inclusive. O povo vai às ruas em represália e 4 pessoas são mortas: 1 pedreiro, 1 estudante universitário e dois secundaristas. Os campesinos de Huanta tomam o subprefeito por refém. Em Ayacucho, a luta permanece com mortos e feridos. Apesar de lutarem pela revogação

do decreto e retorno da gratuidade do ensino, o governo divulga que os atos são reacionários, contra a reforma agrária (DEGREGORI, 2016). A oposição entre estabelecidos e *outsiders* é revelado no curso das ações e discursos ocorridos desde o movimento inicial pelo fim do decreto até a consolidação do Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso. Vejamos como a história em quadrinhos irá apresentar o desenrolar dessas relações entre os grupos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A edição brasileira da editora Veneta de Sendero Luminoso: história de uma guerra suja reúne duas histórias em quadrinhos (HQ) peruanas: Rupay, de Jesús Cossio, Luis Rossell e Alfredo Villar, e Barbarie: comics sobre violência política em el Perú, 1985 – 1990, com autoria apenas de Jesús Cossio. Na primeira HQ Rupay, a versão brasileira intercala os capítulos em histórias em quadrinhos com textos que dialogam com o conteúdo, num total de 8 capítulos. A primeira história em quadrinhos, Rupay, é realizada em preto e branco, com presença da cor vermelha em algumas páginas, ao representar o sangue e as cores das bandeiras comunista e peruana. Também há a inserção de fotografias entre os quadrinhos, compondo a narrativa e retratando com mais força a veracidade dos fatos.

Os autores Rossell e Villar atuam com argumentistas, e Cossio, como desenhista. A HQ consegue percorrer os eventos sobre violência política no Peru no campo, na selva e nas cidades. Os *outsiders* são mortos pelo fogo cruzado entre SL e militares, mesmo não pertencendo a nenhum dos dois agrupamentos. As principais vítimas são o povo comum, que nada queriam ter com o conflito interno que se executava entre estabelecidos e um agrupamento que lutava para tirá-los do poder.

A obra retrata fatos com nuances fictícias e se aproxima da escola *underground*⁵ (SADOUL, 1989, p. 227) norte-americana no seu estilo de

5 O termo *underground*, quando aplicado aos quadrinhos americanos, “designa os comic-books em preto e branco distribuídos fora do circuito normal”, surgidos na década de 60 e que circulavam nos *campi* universitários ou nas ruas das grandes cidades - foram lançadas e abriu-se um novo segmento para os leitores de quadrinhos (editoras e, posteriormente, algumas *comic stores* acabaram se especializando em quadrinhos alternativos). Voltadas para o público adulto, essas revistas são repletas de sexo, contestação às autoridades, denúncia de racismo e da miséria, defesa do consumo de drogas e do amor livre. Assim, nas histórias criadas por Gilbert Shelton, o personagem Wonder Wart-Hog, criado em 1959, é um porco ultraconservador com superpoderes que tem problemas sexuais. Já

desenhar os quadrinhos. No que diz respeito aos argumentos, Rossell e Villar possuem nuances da narrativa do quadrinhista Joe Sacco, autor da história em quadrinhos *Palestina: uma nação ocupada* (2011), além de várias outras obras construídas com um olhar de tipo jornalístico sobre episódios reais. Pela singularidade do episódio peruano e pelos autores serem naturais do país, acreditamos que o mais correto é tê-lo como representantes da escola peruana de *historietas*, forma como os quadrinhos lá são conhecidos, com uma narrativa muito singular, um argumento quase descritivo dos fatos, seco, direto e forte, tentando manter o impacto de toda a violência ocorrida como algo atual.

Segundo Lucioni (2001), A produção de quadrinhos peruanos tem sido tão instável que até mesmo os próprios peruanos duvidam da existência de uma “historieta peruana”, com vírgulas metafísicas invertidas. Os quadrinhos peruanos são quadrinhos interessantes, que no amadorismo de muitos de seus quadrinistas conseguiu encontrar respostas para o desafio de narrar com imagens em um país pobre e dividido, sem se limitar a fazer um trabalho que imitava o que os leitores peruanos podiam encontrar primeiro nas revistas argentinas, e depois nas mexicanas.

As vítimas do confronto entre senderistas e militares foram uma geração criada entre sangue e fogo, marcada por um confronto ao qual não queriam estar participando na sua grande maioria. Tornaram-se vítimas de desrespeito dos direitos humanos e assassinados de forma bárbara pela condição de *outsiders* que ocupavam naquela quadra histórica, aliados do poder e vítimas dele.

Os autores reproduzem o primeiro episódio ocorrido na contenda, que levaria à polarização entre a organização Sendero Luminoso e o governo, esse se somava as forças armadas peruanas que até então não estavam envolvidas de tal monta. Foi o início da luta armada (ILA), é o marco do início da guerra, com o queimar das atas eleitorais na pequena comunidade Chuschi. Desde o primeiro episódio, os camponeses são pegos no fogo cruzado entre senderistas e governo, a HQ mostra a violência impetrada na invasão que levou à destruição do material que seria usado nas eleições e a situação em que acabaram submetidos o camponês e seu filho, uma criança, que abrigavam as urnas e atas. Chama a atenção no desenho o pai aprisionado.

o trio de protagonistas que forma o grupo dos *Fabulous Freak Brothers*, vive fugindo da polícia, descolando de alguma maneira dinheiro para comprar maconha e tentando fazer sexo.

Figura 1 – Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 17)

A história mostra a efetivação gradual do Sendero Luminoso em um polo e o governo e seus militares em outro, esses últimos como estabelecidos nessa complexa configuração peruana em ambiente de guerra. Os que não estavam inseridos na contenda, os que eram atingidos por ela, pelas ações e consequências caudadas pela movimentação dos atores políticos que polarizavam o país andino, eram os *outsiders* dessa configuração.

Figura 2 – Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 25).

Aqui se retrata o assalto ocorrido ao posto da localidade de Tambo, em 11 de outubro de 1981, primeira ação terrorista que chamou a atenção da imprensa e de parte da opinião pública, para corroborar tal fato como terrorismo os autores reproduzem no último quadrinho do capítulo uma foto junto com um texto explicativo de jornal da época que reproduz a ação com essa conotação, como podemos observar na figura 3. A história em quadrinhos nos mostra mais uma vez cidadãos pegos no meio do conflito armado com o saldo de mortes de um pai, seu filho de nove

meses e um policial, além de vários policiais, fato posterior aos eventos descritos no texto complementar ao capítulo (COSSIO, RUSSELL, VILLAR, 2016, p. 26). A violência observada dos dois lados demonstra resultado negativo para ambas as partes, mas um *habitus* violento tanto entre estabelecidos quanto *outsiders*.

Figura 3 – Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 26)

O texto que segue complementar a história aponta dois episódios que mostram a ação do Sendero Luminoso e do governo sobre a vida das pessoas da região. O julgamento popular do proprietário de terra Benigno Medina e seu ajudante por parte dos senderistas, primeira vítima do confronto, escandalizando os fazendeiros da região e autoridades. Por parte da outra ponta do conflito, um grupo de *sinchis*, espécie de guarda civil do governo, dirigidos pelo filho de Medina, atacou casas de camponeses e levou vários para interrogatório. Entre essas, estava uma menina de 16 anos chamada Georgina Gamboa, estuprada por 7 *sinchis* ao mesmo tempo, engravidando-a. Ela passaria a ser a primeira vítima sexual da guerra e considerada guerrilheira pela justiça, condenada a 5 anos e 3 meses de prisão (COSSIO, RUSSELL, VILLAR, 2016, p. 27).

Figura 4 – Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 65).

Na figura 4, temos uma das páginas que intercala desenhos e páginas de jornais com notícias da época sobre o assassinato de jornalistas por camponeses, estimulados por *sichis*. O texto complementar ao capítulo retrata o aumento da simpatia ao Sendero Luminoso pelos ayacuchanos a partir de uma missa, seguida depois pelo descenso desse movimento tendo como marco as listas de morte e assassinatos de um prefeito e um antropólogo (COSSIO, RUSSELL, VILLAR, 2016, p. 66). Conforme Degregori (2016), havia um imaginário de que a população do

campo seria mais violenta do que a urbana. Alega-se a isso uma menor participação dos setores urbanos; apesar dessa narrativa, quando os camponeses tomaram o subprefeito de Huamanga por refém, não houve relatos de violência física, apenas contra os símbolos da repressão estatal (DEGREGORI, 2016).

Isso teve como consequência a entrega do controle de Ayacucho ao comando militar do general Clemente Noel Moral. Nessa época, o jornalismo era a única forma de fiscalizar os excessos cometidos. Em 26 de janeiro de 1983, oito jornalistas foram assassinados próximo à cidade de Huanta. Esse episódio nunca foi esclarecido, mas, conforme o relatório da Comissão da Verdade e da Reconciliação (PERU, 2003) foi o estopim para uma mobilização da sociedade civil para exigir a verdade sobre os acontecimentos no país daquele momento, conhecida como a matança de Uchuraccay. A HQ mostra a possível execução feita por camponeses estimulados pela milícia civil *sinchi*, de maneira planejada e meticulosa, a retratação de fotos de jornais mostra na página dos quadrinhos aqui analisado como os jornalistas se tornaram heróis e mártires, bem como os *sinchis* absorveram a culpa integral do episódio e a antipatia da opinião pública, isentando o exército que havia estimulado a radicalização camponesa contra os senderistas. Mais uma vez, os *outsiders* acabam sendo afetados e envolvidos nas ações dos estabelecidos da configuração peruana, tornam-se instrumentos inseridos nas teias de relações, ora influenciados pelas ideias governistas, ora pelas senderistas.

A edição brasileira fez a opção de seguir com a segunda HQ sem um marco no livro que os separe claramente. *Barbarie, comics sobre violência política en el Perú, 1985 – 1990* é uma história em quadrinhos dividida em 4 capítulos, iniciando com o capítulo Assassinatos de Pucayacu II, julho e agosto de 1985. O autor descreve episódios distintos da disputa entre senderistas e militares, e mantém a narrativa forte e o traço seco da HQ anterior, a diferença é que agora apenas em preto e branco, retratando em plenitude a violência do episódio.

Na figura 5, é retratado o assassinato de cidadãos de uma comunidade pequena (Pucayacu) por suposto acobertamento de terroristas, sendo parte do primeiro capítulo do segundo álbum contido na versão brasileira. Conforme o relatório da Comissão de Verdade e Reconciliação (PERU, 2003), o episódio de Pucayacu é atribuído às forças da ordem. Os métodos dos militares aqui incluem estupros, agressões a idosos, assassinatos, tudo justificado pela busca aos senderistas. A fossa em que se encontravam os cadáveres foi coberta e depois descoberta, instalou-se um processo de apuração, não tendo consequências punitivas. Isso

causou revolta entre a população local, alcançando repercussão nacional e se somando aos absurdos ocorridos na época.

Sem punição, as torturas foram negadas, bem como os estupros e desaparecimentos, o governo e os militares se protegeram mutuamente. Há uma relação com a assertiva do governo de Alan Garcia (1985-1990), então presidente do Peru, que havia prometido apurar e acabar com a violência decorrente do conflito, fato que não ocorreu, envolvendo o governante no mesmo sistema de atenuar os confrontos e encobrir o desgaste militar. Tem-se a sensação de que para eliminar o Sendero Luminoso e seus simpatizantes tudo era possível e digerível. A justiça se apresenta como parte do aparato repressivo do Estado, reprodutora das políticas dos estabelecidos na configuração peruana de ditadura militar, mesmo quando não mais havia ditadura.

O papel da justiça está relacionado ao poder em cada configuração e Elias o pensa de maneira clara e decisiva, quebrando tabus e ilusões sobre como está associado às relações de interdependência, não pertencendo a um indivíduo determinado:

Ele constitui um elemento normal de todas as relações humanas. Constantemente se sucedem provas de força maiores ou menores: serei eu o mais forte? – serás tu o mais forte? Passado algum tempo poderemos chegar a um certo equilíbrio de poder que, de acordo com circunstâncias pessoais e sociais, poderá ser estável ou instável (ELIAS 1980, p. 80).

Para o estudo em questão, esse “equilíbrio de poder” não se chegou a efetivar. Degregori (2016) pontua o enclausuramento do grupo Sendero Luminoso, ao ponto da realização de casamentos apenas entre eles, e da negativa em participar de forma legalizada na sociedade após 1970, quando vários partidos políticos de esquerda antes perseguidos passaram a participar da vida política. Houve uma opção deliberada em manter-se como um partido de quadros, não de massas.

O segundo capítulo, que se passa no mesmo ano (1985), mas em Accomarca, a violência se faz presente na busca por simpatizantes que estariam acobertando a ação dos senderistas.

Isso se apresenta na figura 6, representado o assassinato de um casal de idosos e o diálogo áspero entre militar e camponês na busca da confirmação do segundo como simpatizante ou membro do Sendero Luminoso. A história em quadrinhos do capítulo Matança de Accomarca

– 14 de agosto de 1985, representa com detalhes o assassinato de idosos e o diálogo entre militares e os que estes consideravam senderistas.

Segundo relatório da Comissão da Verdade e Reconciliação (PERU, 2003), há o relato de um professor e líder sindical do Sindicato Unitário de Trabalhadores na Educação do Peru (SUTEP) que se casou com uma comunista e iniciou as ações do PCP-SL em Accomarca. Lauro recrutava jovens para apoiar o partido usando o medo como argumento.

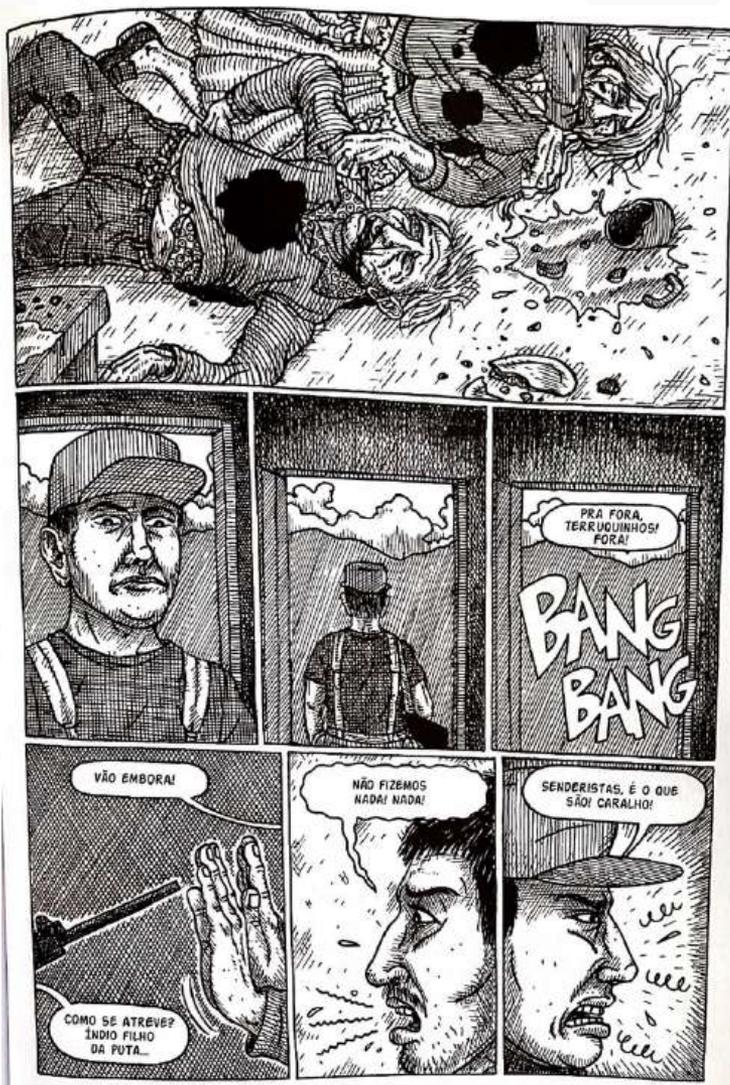
Figura 5 - Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 151)

Mulheres, idosos e jovens não são poupados do constrangimento e das agressões que se justificavam na busca da supressão do mal maior e no desmonte de pontos de apoio que estariam a serviço da ação terrorista do Sendero Luminoso. Mesmo sendo apenas suposição, era possível entender a agressividade militar como forma de precaução, por mais absurdo pudesse parecer, como se pode observar na figura 7, onde se reproduz a ação do exército que enxergava nos campesinos e mais humildes a representação do suporte ao Sendero Luminoso.

Figura 6 – Sendero Luminoso



Fonte: Matança de Accomarca (2016, p. 159).

O capítulo Massacre de Aranhua – 20 de abril de 1988/ – Massacre de Paccha – 11 de dezembro de 1989 é o único que dá mais destaque às críticas ao Sendero Luminoso, em particular ao seu líder máximo, Abimael Guzmán. Capturado pela última vez em 1995, junto com parte da cúpula do Sendero Luminoso (SL), Guzmán aparece na HQ como ideólogo, professor universitário de filosofia, representante das ideias do agrupamento, caixa de ressonância de um contorno organizativo que buscava alcançar o poder político e se tornar a força dominante dessa configuração.

Figura 7 – Sendero Luminoso



Fonte: Cossio; Rossell; Villar (2016, p. 160).

Para Degregori (2016), o SL distinguiu-se do restante da esquerda peruana desde 1978, quando decidiu ingressar definitivamente em uma guerra armada sem fim, ao contrário dos demais partidos, que viam a possibilidade de uma transição pacífica para o socialismo. Quanto ao líder Guzmán, considera o perfil social de sua origem e a região onde atuava, expondo contradições desde o movimento de 1969. Assim, houve a decisão deliberada de manter o SL pequeno, apenas com a existência de “quadros políticos” e uso de violência contra as massas, alegando servi-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A HQ Sendero Luminoso por nós analisada foi produzida após o fim do conflito e teve mais detalhes do mesmo retratados graças à extensa pesquisa realizada entre 2001 e 2003 pela Comissão de Verdade e Reconciliação (TRC). Criada para investigar abusos cometidos durante a guerra, esta comissão entrevistou muitas pessoas afetadas pelo conflito, inclusive com relatos televisionados, e realizou uma investigação cuidadosa que revelou e rastreou uma série de histórias de violência, abuso, racismo, e assim por diante.

Seu relatório final não apenas apontou responsabilidades diretas, mas também analisou as causas do conflito. Neste contexto, a HQ Sendero Luminoso faz parte do esforço da criação de uma memória coletiva do conflito, ou seja, dá a conhecer tanto o que foi finalmente conhecido como o que sempre foi conhecido e confortavelmente esquecido.

Analisar a história não é fácil, de um país que não o nosso e através de uma história em quadrinhos menos ainda. Apesar disso, é possível perceber nuances do contexto internacional histórico relatado na HQ, bem como no estudo de Degregori e práticas relatadas no relatório da Comissão da Verdade e Reconciliação. A *historieta* peruana Sendero Luminoso é uma obra de arte ímpar, consegue capturar a essência do sofrimento e da angústia dos mais pobres e humildes, alijados pelo Estado, massacrados por conflitos que não lhes pertenciam. Nas fontes consultadas, a HQ, o livro de Degregori e o relatório da Comissão da Verdade e Reconciliação é possível verificar a disputa pelo poder entre estabelecidos e *outsiders*, ambos existentes no país até hoje e usando da violência como instrumento de afirmação.

A história em quadrinhos por nós aqui analisada se insere em um movimento de resgate de uma memória silenciada por anos no Peru. Nela, os autores deixam claros os interesses de classe e políticos que levaram os peruanos a reprimirem essa história coletiva. Na narrativa dos

autores da obra não existe uma dicotomia e ambos os lados, guerrilheiros e governo, cometeram atrocidades. Esses relatos puderam ser verificados em Degregori e no relatório. Mas aqui também fica patente que a exploração e até mesmo humilhação dos camponeses se deu, principalmente, por ódio de classe e racismo, apresentada no livro de Degregori, publicado no mesmo ano. Infere-se se ambas as obras não tenham sido uma resposta ao largo estudo realizado pela Comissão da Verdade, cujo relatório rendeu nove tomos e cinco fascículos.

O Sendero Luminoso nasceu assim como vários outros grupos paramilitares das Américas do Sul e Central: agregam o sentimento de descontentamento político com a situação posta e apontam em soluções apoiadas em uma leitura de obras de cunho socialista e comunista. No caso peruano apresentado, a principal inspiração se deu pelas ideias do chinês Mao Tse-Tung. Nos anos 1960, Guzmán definiu as bases ideológicas do Sendero e nos 1970 começou ações com o principal objetivo de derrubar as instituições capitalistas peruanas e fazer uma revolução socialista comandada pelos camponeses.

Presos no meio de um tiroteio, literalmente, os *quechuahablantes*, campesinos e habitantes da selva sentiram na pele as consequências da disputa pelo poder político e da luta pela preservação de uma configuração por um lado e na busca por destruí-la ou alterá-la de outro. O Peru carrega ainda hoje esse trauma, em pleno século XXI, representado em dezenas de *historietas* e de outras obras de arte: Tarata: el principio del fin, de Guillermo Figueroa (2016), publicado como encarte do jornal Peru 21; Luchín González, por Juan Acevedo; Confidencias de um senderista, de Luis Baldoceca.

Fazer a comparação entre a HQ, os estudos de Degregori e os relatórios da Comissão da Verdade é um exercício de análise de narrativas históricas em fontes distintas, mas que traduz o sentido de apresentação de versões acerca de um mesmo momento histórico. A HQ ora apresentada não se configura como uma atividade de lazer, não é palatável, os autores se situam num panteão mais elevado da produção da chamada nona arte dos quadrinhos, com maior detalhamento, complexidade, aproximação do jornalismo em quadrinhos, ao lado de nomes como Joe Sacco, Will Eisner e Robert Crumb.

A HQ Sendero Luminoso nos dá a oportunidade de visitar o Peru sem lá ir, ver suas agruras e entender melhor tudo que se passa por lá no século XXI. É uma obra que reflete de maneira borrada toda a configuração que antecedeu ao que agora por lá acontece. Elias e Cossio, Rossell e Villar parece que combinaram aos escreverem suas obras, retratos da

cruza que marcam confrontos pela busca do poder, pela alteração de configurações e realinhamentos dos papéis de estabelecidos e *outsiders* das sociedades do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

Al menos cuatro militares heridos dejó enfrentamiento con senderistas en el Vraem. In: *Canaln.pe*. Disponível em: <https://canaln.pe/actualidad/al-menos-cuatro-militares-heridos-dejo-enfrentamiento-senderistas-vra-em-n196390>. Acesso em 4 abr. 2021.

COSSIO, J.; ROSSELL, L.; VILLAR, A. **Sendero Luminoso**: história de uma Guerra suja. São Paulo: Veneta, 2016.

DEGREGORI, C. I. **El surgimiento de Sendero Luminoso**: Ayacucho 1969-1979. Instituto de Estudios Peruanos: Lima, 2016.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Introdução a Sociologia**. Portugal: Edições 70, 1980.

_____. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma

pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

LUCIONI, M. In: **Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta**, vol 1, no. 4 (diciembre de 2001), pp. 257-264

Peru. Comisión de la Verdad y Reconciliación. **Informe Final**. Lima: CVR, 2003. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/verdade/mundo/peru/index.htm>>. Acesso em 12 abr. 2021.

PINHEIRO, M. S. **À sombra de José Carlos Mariátegui**: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980). História, v. 28, n. 2, Franca, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000200030&lng=pt&tlng=pt>.
Acesso em 29 mar. 2021.

ROSSI, C. **Militarismo na América Latina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SACCO, J. **Palestina**: uma nação ocupada. São Paulo: Conrad, 2011.

SADOUL, Jacques. **93 ans de BD**. Paris: Editions J'ai lu, 1989.